

COMISSÃO DE INQUÉRITO CORONA - PARTE 12

Posted on 16. Oktober 2020

Insulto à realeza ou julgamento necessário?

Um ponto de vista de Jochen Mitschka.

Depois de "Learning from the Investigation Committee Swine Fluine" (1), o tópico "A situação das pessoas em lares de idosos" (2), um relatório sobre as condições em Bergamo (3) foi seguido de: "The Drosten Test, Immunity and the Second Wave" (4). Após a audição sobre "A situação dos pequenos empresários e dos trabalhadores independentes" (5), agora sessão 6, que trata da situação das crianças.

Elisabeth Sternbeck

A testemunha é uma psicóloga infantil e já tinha publicado vários vídeos sobre o tema do encerramento e os seus efeitos nas crianças. As ligações podem ser encontradas no website do Comité. A Sra. Sternbeck relatou ter-se concentrado nas crianças, adolescentes e seus pais desde o início da sua carreira profissional. Inicialmente, ela também teria trabalhado como testemunha especializada para os tribunais. Trabalhou tanto no sector da psiquiatria de jovens internados como no seu próprio consultório durante mais de 20 anos.

Ela relatou então que o início do ano tinha sido normal. A partir da terceira semana de Março, ela teria notado que as crianças e os pais, que ela tinha descrito anteriormente como sendo muito responsáveis e disciplinados nas suas nomeações, pareciam estar inseguros. As crianças relataram que a escola se tinha tornado "estranha". Uma rapariga disse que tinha havido algo "errado" com um professor, que teria andado por aí com uma máscara e luvas calçadas e disse "todos morrerão" e que as crianças deveriam ter cuidado.

Depois ela disse que na quinta-feira 19 de Março se sentiu o pânico. As crianças tinham-lhe dito que não sabiam se podiam ir à escola. Uma mãe tinha-lhe dito que tinha sido chamada, que tinha de ir buscar o seu filho à escola e que tinha de levar consigo todo o material didáctico porque a escola estaria fechada.

As consequências psicológicas

A 23 de Março, as escolas e jardins de infância teriam sido encerrados. O que teria irritado muito as

crianças. Um rapaz animado de cinco anos de idade teria andado num círculo apertado na sua prática, repetindo vezes sem conta "sem jardim de infância, sem creche". Nas semanas seguintes teria perguntado repetidamente porque é que nenhuma outra criança seria convidada para brincar com elas.

Algumas das crianças, relatou ele ainda, tinham caído numa espécie de apatia. O dia tinha perdido a sua estrutura, tinha-se tornado vazio. Dois dos seus pacientes adolescentes tinham ganho um peso drástico. Para além da sensação de vazio, muitas crianças ter-se-iam sentido inundadas de medo. Um rapaz de treze anos, por exemplo, ter-lhe-ia dito que acordaria de manhã e teria simplesmente medo, sem saber de onde viria.

"Uma estudante do secundário de dezassete anos disse-me que a cada dez minutos procurava na Internet para ver se encontrava algo que indicasse que isto iria acabar em breve. Ela não pode aguentar muito mais disto".

A prática da Sra. Sternbeck já não se preocuparia com os problemas das crianças e dos jovens, mas com os problemas que as medidas estavam a causar nas crianças. A situação teria sido agravada pelo facto de que as agências governamentais não estariam disponíveis. O irmão de uma rapariga que tivesse estado em tratamento com ela teria sido toxicodependente e teria decidido, no início do ano, iniciar uma medida terapêutica, ter-se-ia instalado num grupo residencial correspondente e teria estado cheio de esperança. No entanto, de um dia para o outro, todas as medidas foram canceladas. Havia falta de cuidadores, os jovens não sabiam o que fazer com eles próprios, e finalmente encomendaram drogas.

A mãe, que sofria de cancro, quimioterapia a cada quinze dias, mãe solteira com quatro filhos, foi então chamada porque o filho foi expulso do grupo residencial, e teve de levar a criança de 17 anos para sua casa porque o gabinete do bem-estar dos jovens declarou que não era responsável.

Dois psiquiatras de crianças e adolescentes teriam sido esvaziados de um dia para o outro. De manhã teriam dito "Tens de ir para casa". Pois esta tinha de saber que nestas instituições apenas se tratava realmente de "deficientes graves", em parte com depressão que teria sido suicida, em parte com toxicodependência.

No tratamento ambulatorio, as consultas teriam sido simplesmente canceladas indefinidamente. "Tive a experiência de que os serviços de bem-estar dos jovens não estavam disponíveis". Depois vieram os exemplos.

"Tenho visto crianças sofrerem perdas irreparáveis de acontecimentos importantes da vida. As cerimónias de comunhão e confirmação foram canceladas. As crianças tinham ido às aulas de comunhão e confirmação durante todo o ano, e quando se tratava disso, nada aconteceu".

As viagens escolares teriam sido canceladas, assim como as cerimónias de graduação. E os jovens deixariam de compreender os adultos.

Então teria chegado a fase de "escolarização em casa". Aos pais teria sido enviado um número "infinito" de folhas de papel, que as crianças teriam de preencher. Ela relatou um exemplo de um rapaz no terceiro ano da escola que recebeu 58 páginas que teve de completar e editar no prazo de oito dias úteis.

Ela relatou sobre as mães que tinham de fazer o seu próprio trabalho às seis da manhã, para que mais tarde pudessem completar as tarefas de ensino em casa com as crianças. As mães tinham de ser professoras e ela relatou problemas que não podiam ser resolvidos.

A escola em perigo de vida

Então, a fase de reabertura das escolas teria surgido em Maio. Na verdade, as crianças estariam desejosas de voltar a ver os seus amigos. Depois relatou como um director teria recebido as crianças com um frasco de spray desinfectante e não teria deixado entrar nenhum aluno na escola sem desinfeção das mãos.

Até agora, ou melhor, até às férias de Verão, ela relatou que as crianças tinham de se alinhar a uma distância de 1,50 metros em frente ao edifício da escola. Depois seriam apanhados pelos professores e teriam de ir em fila única para a turma da escola. Depois teriam de lavar as mãos uma após a outra, o que levaria a tempos de espera mais longos, e só mais tarde, na praça, lhes seria permitido tirar os protectores de boca e nariz.

"Vi uma professora distribuir folhas, depois ela exigiu que a criança não lhe tirasse a folha, por assim dizer,

mas a professora pousou a folha, e depois a criança foi autorizada a tirá-la primeiro na mão dela. Outros exemplos de procedimentos semelhantes foram seguidos.

Depois relatou o que aconteceu durante os intervalos. Ela teria visto que quando as medidas começaram, os professores foram distribuídos paus. Teriam andado para trás e para a frente entre os alunos durante os intervalos para verificar se os alunos mantinham uma distância mínima de 1,50 metros. Em muitos pátios da escola, as áreas teriam agora sido divididas. As aulas só seriam então autorizadas a permanecer dentro da área que lhes foi atribuída e, claro, apenas a uma distância de 1,50 metros.

Ela relatou como exemplo como uma rapariga foi proibida de falar com o seu amigo na turma vizinha durante o intervalo.

Uma vez que as turmas eram geralmente divididas, a Sra. Sternbeck relatou que alguns estudantes não conseguiam comunicar com os colegas que estavam na outra metade da turma durante todo o período até às férias de Verão.

A exigência do Sr. Wieler de que a mistura deve ser evitada seria absolutamente irrealista. As crianças desciam do autocarro, ficavam em frente ao portão da escola, falavam normalmente umas com as outras, depois o portão abria-se quando a campainha tocava, e de repente encontravam-se num mundo completamente diferente.

Para as crianças, seria sugerido que a escola era um local de risco de vida. Depois ela disse à declaração de um rapaz: "Sabe, Sra. Sternbeck, quando a escola acaba, já ninguém cuida de nós. Então podemos voltar a ser normais, que sorte".

A educação da geração Corona

Além disso, de acordo com o psicólogo, as crianças carecem de meio ano escolar de educação. A segunda metade do ano lectivo teria começado no início de Fevereiro, mas as férias e as interrupções teriam eliminado a maior parte desta metade do ano lectivo. Explicou que estava a supervisionar um estagiário que estava no terceiro ano da sua aprendizagem e que deveria fazer o exame em Dezembro, que iria faltar

quatro semanas de aulas em bloco, e que estava preocupado que não passasse no exame na sua profissão técnica, ou que não estivesse suficientemente bem.

Uma jovem estudante tinha-lhe dito que só tinha tido um semestre completo de estudo online. Sentou-se em frente ao seu portátil durante todo o dia e teve de ouvir uma palestra atrás da outra. Poder-se-ia fazer perguntas no chat, mas isso seria limitado. Não haveria seminários onde os estudantes pudessem trabalhar em algo em conjunto ou discuti-lo com os professores.

Os direitos dos pais

A Sra. Sternbeck relata que também observaria intervenções maciças nos direitos parentais. Como exemplo, ela citou uma família com uma menina de seis anos. Esta família tinha trabalhado arduamente para preparar a criança para a escola e teria ficado aliviada quando se tornou claro que a criança poderia ser matriculada na escola. "No último dia antes das férias de Verão, os pais vieram à reunião de pais e a mãe disse-me que tinha recebido um e-mail de manhã que só um dos pais podia vir à cerimónia de inscrição na escola. "Agora imagine que, como um cão amarrado a uma cerca, um dos pais tem de esperar lá fora".

A Sra. Sternbeck explicou então, com base no termo coloquial alemão "Vater Staat" (estado paternal), que um pai que praticamente trancaria os seus filhos na sala, que proibiria as crianças de ir a parques infantis ou brincar com os seus amigos, seria responsável por causar danos decisivos ao bem-estar da criança. Um pai assim seria privado de custódia.

Em alemão, haveria o termo "Mutter Kirche". Depois ela explicou com um exemplo como trata os seus filhos. Uma das suas pacientes tinha relatado o baptismo do seu sobrinho. A cerimónia teria sido opressiva. Não havia cânticos na igreja, o próprio pai teria segurado a criança sobre a pia baptismal e derramado a água baptismal sobre a cabecinha, desenhado a cruz na testa, falado o texto baptismal e o pastor teria ficado em silêncio à distância prescrita de 1,50 metros.

A Sra. Sternbeck explicou que na Alemanha 13,5 milhões de menores vivem em famílias, que 1,3 milhões de jovens estão em formação, 2,9 milhões de estudantes estão matriculados em universidades. Pessoas que o

governo e o Instituto Robert Koch esperam continuar com estas medidas.

Mas nos meios de comunicação social quase nada teria sido noticiado do ponto de vista destes jovens. Os vídeos em que teria relatado da perspectiva das crianças teriam sido apagados do YouTube. No entanto, teriam sido libertados novamente mais tarde.

Na sua opinião, a Sra. Sternbeck disse que as medidas que tinha descrito deveriam ser levantadas imediatamente. Quanto mais tempo as medidas fossem continuadas, maiores seriam os danos psicológicos a longo prazo.

O Dr. Hoffman relatou então que uma criança do seu círculo de conhecidos tinha sido excluída de brincar com outras crianças porque uma vez tinha entrado em contacto com uma pessoa possivelmente infectada, e depois perguntou se a testemunha tinha ouvido o que os professores que ensinam ciências na escola, especialmente biologia, tinham dito sobre isto.

A Sra. Sternbeck disse então que um aluno do segundo ano lhe tinha dito que ela tinha "aulas de Corona" na escola, mas que teria preferido ter aulas de matemática. "Foi-nos dito o que é uma quarentena, como este vírus é terrível, como é perigoso". Ter-lhes-ia sido explicado que tinham sempre de lavar as mãos, manter a distância, pois, caso contrário, todos morreriam.

O Dr. Hoffmann declarou então que neste caso não teria havido discussão a nível de professores, mas que o que tinha sido ordenado "de cima" teria simplesmente sido transmitido.

Outro rapaz da segunda classe, a Sra. Sternbeck continuou, teria recebido uma página DIN A4 com instruções em voz alta sobre o que fazer ou não fazer quando entrou na escola. A última frase no fundo teria sido: "Se não se mantiver nestas coisas, vai meter-se em problemas! E o rapaz teve de ser ele próprio a assinar esta folha. Teria então chegado a casa desesperado e perguntado à sua mãe o que lhe aconteceria se fizesse algo de errado.

A Sra. Sternbeck explicou que, na sua prática, nenhuma das crianças se tinha referido a professores que se sentavam com as crianças para perguntar como se comportavam nestas condições. No entanto, houve dois

casos em que os professores chamaram os alunos a intervalos maiores durante o encerramento para perguntar como se estavam a sair.

O Dr. Hoffmann declarou então que teria de se concluir destas declarações que, pelo menos a partir da experiência limitada da testemunha, só se poderia ver a pressão e o pânico que tinham sido criados para forçar as crianças a comportarem-se de uma forma conforme.

A Sra. Fischer explicou então o que tinha sido dado como padrão de comportamento no chamado papel de pânico do Governo Federal e que provavelmente teria sido confirmado pelas declarações da testemunha. Tinha sido especificado no documento que o pior cenário deveria ser esclarecido. "Precisamos de nos afastar de uma comunicação que se concentre na taxa de mortalidade de vítimas. Com uma taxa de mortalidade por queda que parece insignificante em termos percentuais, que afecta principalmente os idosos, muitas pessoas pensam então inconscientemente e sem conhecimento de causa, "bem, isso vai livrar-se dos idosos que estão a arrastar a nossa economia para baixo, ainda há demasiados de nós na terra de qualquer maneira, e com um pouco de sorte vou herdar um pouco mais cedo". Então o texto teria explicado que tal coisa teria contribuído para a trivialização da epidemia.

"Para alcançar o efeito de choque desejado, os efeitos concretos de uma epidemia na sociedade humana devem ser tornados claros. 1) Muitas pessoas gravemente doentes são levadas ao hospital pelos seus familiares, mas são afastadas e morrem agonizantemente, ofegando por ar em casa. O sufocamento, ou não conseguir ar suficiente, é um medo primordial para todos, tal como a situação em que nada pode ser feito para ajudar um parente que se encontra em perigo mortal. As fotografias de Itália são perturbadoras". .

A Sra. Sternbeck citou então outras passagens do papel de pânico e explicou como essa comunicação é desastrosa para a psique das crianças. Um rapaz de cinco anos de idade ter-se-ia sentado bem comportado durante as suas horas de consulta e depois afastado a cadeira para longe do terapeuta. "Sim, Sra. Sternbeck, sabe, tenho pequenos insectos nas minhas mãos, e eles podem magoá-la a si e a mim".

Sem tratamento, ela temia que as crianças desenvolvessem verdadeiras fobias. Ela teria visto mães em pânico porque as crianças tinham tocado num carrinho de compras. O que se espera que conduza a

perturbações comportamentais em crianças. Ela acusou o governo federal de ser responsável.

A Sra. Sternbeck ficou chocada por as crianças e jovens que observou não questionarem as medidas, mas submeterem-se sem comentários. As crianças confiariam primeiro nos seus pais, adultos em geral, e adoptariam as suas regras. E assim seguiriam agora as novas regras quando regressassem à escola. Ela teria tido alguns "rapazes selvagens" nas horas de consulta e preocupada se eles aceitariam as medidas. Mas então ela teria ficado chocada com a dócil obediência destas crianças às medidas.

O Dr. Hoffman perguntou então se era verdade que as crianças acreditavam que, se não obedecessem, "o avô e a avó morreriam". Até muito depois da Páscoa, de acordo com a Sra. Sternbeck, os pais teriam assegurado que as crianças não teriam qualquer contacto com os seus avós. As crianças teriam então ficado em parte na cerca do jardim e acenado à avó.

Numa família, a avó e o avô viveriam numa metade da casa, a família com filhos na outra metade. Haveria um jardim comum. As crianças não puderam então ter qualquer contacto com os seus avós, e teriam continuado a fazê-lo, porque lhes foi dito "se deres um beijo à avó, a avó morre". Em alguns casos, teria havido não só restrições no contacto entre as crianças, mas também entre os pais das crianças.

De acordo com a Sra. Sternbeck, as imagens interiores das crianças também mudariam. Na sala de espera da sua clínica ela teria uma caixa com pequenas figuras e partes de casas. Uma criança teria alterado uma cena. Tudo estava vedado, havia um pequeno portão, animais perto um do outro, pessoas a observar de cima, fora de outra pessoa. A criança teria tentado mostrar que os animais tinham de ser trancados e controlados para que não fugissem.

Como testemunha especializada, segundo a Sra. Sternbeck, ela também teria tratado do "bem-estar infantil" e do "perigo infantil". Neste contexto, ela teria deparado com a Lei Básica onde diz: "Casamento e família estão sob a protecção especial da ordem do Estado. Os cuidados e a educação são o direito natural dos pais e o dever que lhes incumbe principalmente. A comunidade estatal vigia as suas actividades". Mas agora ter-se-ia a situação de que a comunidade estatal prejudica as crianças. É por isso que só os pais permanecem para proteger os seus filhos. Mas isso seria outra parte da audiência, com outros relatores que

relatariam como são tratados os pais que tentam proteger os seus filhos.

A Sra. Fischer da comissão perguntou então quais seriam as consequências a longo prazo.

A Sra. Sternbeck disse que quanto mais tempo as medidas estivessem em vigor, mais graves seriam os efeitos. "Penso que o que as crianças estão a experimentar é uma perversão da comunidade humana". Em vez de proximidade, experimentariam a distância, em vez de empatia, experimentariam o mascaramento de partes essenciais do rosto, impedindo as crianças de aprenderem a ler as expressões faciais da sua contraparte. Na língua alemã, o oposto do que se pretende dizer seria muitas vezes dito, porque o oposto é tornado claro através de expressões faciais. Mas a criança já não aprende isto.

Se as medidas forem continuadas, todas as crianças, independentemente da idade, sofreriam danos permanentes. Isto aplicar-se-ia também às crianças que crescem em famílias normais e saudáveis. Quanto mais velha uma criança se tornar, mais o ambiente extra-familiar a moldaria.

Já agora, segundo a Sra. Sternbeck, ela observaria desenvolvimentos preocupantes na sua prática. Em seguida, assinalou que só se falava de famílias problemáticas, de violência na família ou de negligência. Mas o que ela veria seriam famílias normais. E ela já podia experimentar as consequências nestas famílias.

Quando questionada, argumentou que mesmo que a pandemia fosse tão perigosa como os políticos afirmam, as medidas seriam desproporcionadas. Afinal de contas, estas seriam crianças saudáveis, mas as medidas torná-las-iam doentes. É claro que as pessoas em risco devem ser protegidas, mas isolar crianças saudáveis seria irresponsável.

A Sra. Sternbeck disse que, por um lado, consideraria as medidas prejudiciais e, por outro, reconheceria a necessidade de as crianças aprenderem a obedecer às regras. Se um rapaz lhe dissesse que pôs a máscara para proteger os outros mas ela própria não reconhecesse a necessidade e utilidade da máscara, ela só poderia permanecer em silêncio.

O Dr. Füllmich disse então desde a sua infância que, a partir da sua experiência nos anos 70, as crianças foram ensinadas a questionar ainda mais as coisas. Se este já não seria o caso hoje em dia.

"Na minha prática", disse a Sra. Sternbeck, "nem uma única criança fez perguntas críticas".

Obviamente, o argumento do homicídio involuntário "se não se comportar desta forma, outros morrerão, e a culpa será sua" teve um grande impacto. Qualquer discussão seria cortada na raiz, a Sra. Sternbeck confirmou quando questionada. Cada pensamento seria cortado na raiz.

Ela explicou que já estava a ver uma onda de tratamentos necessários desencadeada pelas medidas tomadas, onde as crianças têm ansiedade e distúrbios de pânico, e ela acredita que isto irá aumentar consideravelmente e causar uma grande necessidade de tratamento no futuro.

Quando lhe perguntaram como é que os colegas da Sra. Sternbeck a veriam, ela respondeu que a situação era semelhante à dos médicos. Os psicoterapeutas também ficariam com medo. Ela teria colegas que apenas organizariam horas de consulta de vídeo, outros pediriam às crianças para usarem máscaras durante as horas de terapia. Na discussão posterior foi mencionado que se supõe obviamente que está a surgir aqui uma nova normalidade.

Perspectivas:

Na parte seguinte, o resumo do relatório sobre a situação das crianças irá continuar. Um psico-imunólogo também terá a sua palavra a dizer.

Fontes:

(1) <https://kenfm.de/corona-untersuchungsausschuss-teil-1-von-jochen-mitschka/> und <https://kenfm.de/corona-untersuchungsausschuss-teil-2-von-jochen-mitschka/>

(2) <https://kenfm.de/corona-untersuchungsausschuss-teil-3-von-jochen-mitschka/> und <https://kenfm.de/corona-untersuchungsausschuss-teil-4-von-jochen-mitschka/>

(3) Zusammenfassung Teil 5:

<https://kenfm.de/corona-untersuchungsausschuss-teil-5-von-jochen-mitschka/> Video: <https://corona-ausschuss.de/sitzung3/>

(4) <https://corona-ausschuss.de/sitzung4/>

(5) <https://corona-ausschuss.de/sitzung5/>

(6) <https://corona-ausschuss.de/sitzung6/>

(7) <https://fragdenstaat.de/dokumente/4123-wie-wir-covid-19-unter-kontrolle-bekommen/>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: [*OvalMedia*](#)

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



Bitcoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK